IDENTIDADE CABOCLA E A IMPORTÂNCIA SOCIAL NAS TOADAS DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS/AM, AMAZÔNIA BRASILEIRA

Isaías dos Santos da Cunha[1]

RESUMO

Foi meta desenvolver análise relacionada à toada de boi-bumbá e seus aspectos relativos à comunicação e identidade cabocla. Toadas escolhidas foram avaliadas por levantamento de UCEs (Unidades de Contexto Elementar) catalogadas *a priori* pela categoria "sociocultural". O enfoque foi centralizado na figura do caboclo compositor de toadas. O período foi de 1990 até 2006 ☒ em que o discurso da Amazônia indígena foi frequente e serviu de base de canções. Resultados apontam quer a figura do caboclo se mostrou mais próxima do nosso objeto de interpretação enquanto identidade cultural porque comunica sobre a população parintinense e suas raízes. A imagem do caboclo reflete o cotidiano regional, uma vez que é marca de resistência dos povos da Amazônia.

Palavras-chave
Toada. Educação. Língua Portuguesa. Amazônia.

ABSTRACT

The aims were to develop an analysis related to the boi-bumbá music and aspects related to communication and caboclo identity. Chosen tunes were eval-

1 - Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos da Universidade Federal do Amazonas

uated by surveying ECUs (Elementary Context Units) cataloged a priori by the "sociocultural" category. The focus was centered on the figure of the caboclo composer of tunes. The period was from 1990 to 2006 ☒ a period in which the discourse of the indigenous Amazon was frequent and served as the basis of songs. Results show that the figure of the caboclo was closer to our object of interpretation as a cultural identity because it makes up the population of Parintins in its roots, as well as the indigenous figure. The image of the caboclo reflects the regional daily life, since it is a mark of resistance of the peoples of the Amazon.

Keywords
Tune. Communication. Portuguese language. Amazon.

Introdução

Na Amazônia Central, divisa entre o Amazonas e o Pará, situa-se a ilha Tupinambarana. Ínsula e berço de artistas, culturas, saberes e fazeres que abrigam diversidades. Parintins refugia prosperidades naturais e povos tradicionais territorializados em águas, florestas, várzeas e terras firmes. São comunidades ribeirinhas, indígenas, de quilombolas, pescadores, granjeiros e horticultores artesanais com conhecimentos particulares de crenças, costumes, religiosidades e cosmologias. A cidade é conhecida por sediar o Festival Folclórico de Boi-Bumbá, reconhecido como Patrimônio Imaterial do Amazonas e Capital Nacional do Folclore. O evento é multimidiático e serve de referência a povos que habitam a floresta tropical brasileira.

O festejo é um híbrido do espólio europeu (teatro jesuítico). Nos anos 1990 passou a explanar, em sua cênica folclórica, a Amazônia indígena. Moldou elementos da música andina, ressignificou saimentos espirituais e desempenhos de parte dos povos do trópico úmido, cujas práticas antes eram delineadas como inferiores. Agora, o boi-bumbá passou a ser visto como produto de um conjunto de procedimentos de reinvenção da Amazônia e, nesse universo mítico e simbólico, amalgamou-se no imaginário regional, espelhando existências imemoriais amparadas no folguedo joanino (santos juninos). Diante do contexto, o cenário é propício para a investigação em tela, tendo em vista sublinhar reflexões sobre práticas comunicacionais de ensino e aprendizado.

O estudo foi delimitado com referência em comunicabilidade para a formação de leitores críticos, apresentando toadas como instrumentais construtivos do boi-bumbá que impactam na educação. A investigação foi qualitativa, de viés exploratório, com validade externa, na cidade de Parintins/AM, a 369 km de Manaus/AM, capital do Amazonas, maior Estado da Amazônia brasileira. Foram realizadas etapas metodológicas de: i) levantamento teórico da temática; ii) descrição de toadas que compuseram a pesquisa; e iii) leitura flutuante e inferencial de unidades de contexto elementar (UCEs) no decorrer da análise (Bardin, 2009).

O referencial teórico partiu de Rodrigues, Andrade e Santos (2019), que destacam a música como influência positiva para o ensino em sala de aula, a contribuir como aporte comunicacional decisivo na formação de leitores críticos e reflexivos. Portanto, estudamos a toada de boi-bumbá como gênero musical de alto poder de comunicação para a interpretação de educandos ante sua realidade amazônica. O trabalho contou com instrumentais de abordagem sociocultural, considerando o espaço escolar como ambiente de leitura crítica.

Toadas foram relacionadas a aspectos constituintes da sociocultura de Parintins. A imagem do caboclo, nas canções, é representada a partir da ideia de um cotidiano nativo, a marcar a resistência popular de sociedades na Amazônia, sendo conceituada por Freire (2012), Gonçalves (2010), Ferreira e Rodrigues (2012) e Renk (2009).

Resultados e discussão
Olhar sociocultural

A primeira toada analisada é da agremiação folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, intitulada *Vida cabocla*, de 1995, do álbum homônimo. Foi composta por Ronaldo Barbosa, que possui participação histórica e ativa no Festival Folclórico de Parintins. Notemos a seguinte descrição.

> O caboclo caniça a esperança nas águas dos grandes rios
> O caboclo caniça a esperança nas águas dos grandes rios
> Enfrentando os desafios.
> Sou um proeiro ribeirinho, sou um proeiro pescador
> Pescador, pescador, pescador, eu sou.

Sou um proeiro ribeirinho, sou um proeiro pescador,
Pescador, pescador, pescador.
Não estou sozinho, não estou sozinho.

A abordagem se destina à descrição das figuras do caboclo, do ribeirinho e do pescador. São gentes que se enquadram nas características de parintinenses residentes das beiradas do rio Amazonas. A expressão "caboclo" apresenta, para além de significâncias do léxico, referências às propriedades e ações desse povo amazônida, que tem no sangue perspectivas identitárias e culturais ancoradas a essa identidade. Na obra *Amazonês* (Freire, 2012), o termo é destacado como "[...] raça típica da região amazônica" (ID., op. cit., p. 41). A identidade cabocla é enquadrada como distinta, com peculiaridades, e não necessariamente se mistura apenas com pessoas de comunidades ribeirinhas banhadas por rios. O caboclo possui identidade particular porque reproduz modos de vida autênticos.

Nos versos, é abordado o cotidiano dos que moram nos "beiradões" da Amazônia. Da abordagem, destacamos as expressões "proeiro ribeirinho, proeiro pescador", que pontuam conhecimentos etnográficos e a vivência de caboclos. A palavra "proeiro" tem acepção de marinheiro ou viajante, que trabalha ou rema da proa de embarcação. O emprego do substantivo nos versos e na junção de "proeiro" com as palavras "ribeirinho" e "pescador" resulta na perspectiva comunicacional da identidade cabocla que almejamos supor no título do artigo, pois a prática da navegação compõe o contexto dessa população.

Nos versos finais, "[...] sou um proeiro pescador, pescador, pescador, pescador; não estou sozinho, não estou sozinho", partimos do preceito principal de que o caboclo é a identidade mais marcada na maioria das áreas de beiradas de rios. Além disso, por compor um âmbito regional extensivo, as comunicações por meio da toada sobre a identidade cabocla emergem em função de um cenário de luta pela sobrevivência na Amazônia. A canção prossegue.

Eu sou esse rio, esse sol, essa terra.
Sou parte da selva, ela é parte de nós.
O meu sonho caboclo, o meu sangue caboclo,
Minha pele morena, meu grito calado
Se embrenha no mato e se perde no ar.
Proeiro pescador, proeiro pescador, proeiro pescador,

Proeiro pescador, pescador eu sou, pescador eu sou.

Nas primeiras duas estrofes na toada aponta-se a ideia de identidade cultural e vivência do caboclo (HALL, 2006), que, sobre o tema, salienta a cultura tal e qual um ato de exercício ativo de determinado povo. Em "[...] eu sou esse rio, esse sol, essa terra, sou parte da selva, ela é parte de nós" é perpassada a noção de prática identitária. Assim, o caboclo é pertencente a ambientes de selva e terra por pescar, caçar, plantar e cultivar, sendo que esses ambientes se mostram exatamente como elementos de comunicação com o bioma e sugerem pertencimento a determinada sociedade.

Nos versos "[...] o meu sangue caboclo, minha pele morena, meu grito calado, se embrenha no mato e se perde no ar", a identidade cabocla é apresentada como emanação dos ambientes que moldam a essência e concretizam as pessoas e seus modos de vida. Na medida em que fauna e flora permeiam ações diárias, assumir uma identidade a partir do afeto que a territorialidade (Albuquerque et al., 2020) torna-se relevante para que sujeitos se compreendam enquanto parte de determinada cultura.

Uma identidade, em sentido lato, tende a consistir em conjunturas de processos críticos e redefinições (BAUMAN, 2005), o que é importante quando se faz referência à valorização de povos da Amazônia. Gonçalves (2010), sobre o suposto, apresenta a ideia de que o caboclo é um dos mais simbólicos personagens do bioma porque em suas práticas estão enraizadas manifestações de povos indígenas, da imigração portuguesa e de populações afrodescendentes, além da emigração de nordestinos. São práticas que procedem de dinâmicas de miscigenação[2] e mostram que o caboclo de ambientes de ribeira (margens de rios) alargou todo um saber a partir da convivência com a natureza.

A segunda toada é *Vida cabocla*, de 1995, da agremiação folclórica Boi-Bumbá Garantido, dos compositores Tadeu Garcia e Simão Assayag, do álbum *Uma viagem à Amazônia*. Os versos seguem a seguinte construção: "[...] Minha ciência é a natureza; sou caboclo, filho da Amazônia. Nos seus rios meu sustento; em suas terras a minha morada", e a partir desse início identificamos marcas de identidade e pertencimento advindas da integração de comunicações e simbolismos próprios (Hall, 2006). De modo que, sobre a identidade cabocla, podemos

[2] Compreendemos que há outros termos, vertentes que abordam a interação entra raças. Aqui, nos amparamos nos vieses ora citados.

afirmar que ecoam práticas exclusivas de grupos interdependentes, que se veem como membros de comunidades nativas por aceitação histórica.

Nos versos "[...] minha ciência é a natureza, sou caboclo, filho da Amazônia" percebemos a afirmação da identidade cabocla conforme pontos de relevância comunicada mediante um específico contexto. Nessas premissas é que se enquadra o papel da educação em geral e da escola em particular enquanto ambiente de discussão e socialização de saberes, promovendo afirmação e reconhecimento. Significa que ser caboclo é carregar marcas identitárias; é pertencer ao mundo amazônico. Portanto, a área educacional não deve se omitir no desenvolvimento de atividades que comuniquem sobre a conjuntura, até mesmo na perspectiva da educomunicação (Albuquerque; Santos, 2019).

Nos versos "[...] nos seus rios meu sustento, em suas terras a minha morada" percebem-se características da afirmação do caboclo enquanto conhecedor de práticas e vivências. Essa afirmação agrega a identidade cabocla e é inerente a povos do bioma que enriquecem a cultura a partir de saberes e fazeres, mesmo sendo vistos como sujeitos sem identidade e não valorados no Festival Folclórico, que ocorre sempre no fim do mês de junho. Ademais, passados os três dias da festividade, discursos empregados nas toadas e ecoados na arena do Bumbódromo pelas galeras[3] de Caprichoso e Garantido caem em declínio e esquecimento. Sobre isso, a difusão da identidade cabocla em escolas locais, por exemplo, viria a contribuir para o autoconhecimento sobre marcadores culturais.

Ferreira e Rodrigues (2012) afirmam que "o termo caboclo não é uma categoria étnica no sentido estrito do termo, porque essa construção só pode ser feita no jogo da diferença" (p. 24). Como uma altercação, "a identidade cabocla estabelece-se como fronteira em movimento de expansão ou retração, nunca igual a si mesma, sempre em transformação" (IB.). Dessa forma, a sina do caboclo é uma constante mudança de práticas dentro de um processo de construção de identidade.

> Eu vou fazer muquiado de jaraqui, de tucunaré, de curimatá,
> Há pacu, há bodó, há tambaqui, há farinha d'água e tucupi;
> Minha ciência é a natureza, e sou caboclo, filho da Amazônia;
> No luar, vou brincar com meu boi ao redor da fogueira;
> Na floresta tem a festa pra brincar com a morena faceira.

[3] Termo referente a pessoas que compõem as arquibancadas de Garantido e Caprichoso. A galera é um item do Festival Folclórico de Parintins.

A identidade cabocla enquanto prática cultural amazônica é posta na palavra "muquiado", que é um prato alimentar preparado com peixe cortado em pedaços e assado. A atividade ocorre em inúmeras cidades do bioma e principalmente em Parintins na época do festival, quando turistas procuram muquiados de jaraqui, tucunaré e curimatá (peixes da região). Noutra parte, os compositores retratam prática integrante do cotidiano que coopera para o fortalecimento da comunicação e da identidade cabocla. O trecho é "há farinha d'água e tucupi" e nele a relevância repousa na dinâmica de produção de alimento mais uma vez.

O significado da farinha está na "raiz da mandioca triturada e secada até fazer grão ou farinha grosseira" (Freire, 2012, p. 65). A farinha d'água é "[...] cf.[4] – um tipo de farinha fina" (IB., op. cit.). E para se produzir farinha é necessário um processo de base apoiado no plantio da mandioca – Freire (2012) em *Amazonês* também destaca o significado da mandioca como "[...] uma raiz comestível da maniva. Macaxeira" (op. cit., p. 86) –, palavra que deriva do tupi, quando se espera seis meses para que a raiz germine. Feito o procedimento, iniciam-se descascamento, lavagem e cevagem. Da mandioca, retiram-se ainda tapioca e tucupi. Por fim, a massa é torrada em forno de barro por até três dias para se extrair a farinha.

Nesses trechos, como supomos, conhecimento e dinâmica produtiva impulsionam enriquecimento e socialização de saberes referentes à identidade cabocla, a qual poderia ser explicitada fortemente nas escolas, em sala de aula, porque muitos educandos não conhecem, por exemplo, esses trâmites culinários alimentares. Salientamos os destaques porque são dois dos mais importantes no âmbito regional e contribuem para englobar conjunturas de conhecimento e formação social. É um saber silenciado por educadores e gestores, que poderia ser democratizado e discutido mediante as letras de toadas.

A perspectiva remete a Geertz (1989), que entende identidade como compêndio de símbolos e significados constituídos socialmente, a orientar condutas e procedimentos coletivos, representando conjuntos de significados que dão forma a vivências humanas. Assim, a identidade cabocla da Amazônia é ferramenta relevante para o processo educativo porque engloba práticas fundamentais e atos de autoconhecimento como parte de conjuntos de construções históricas.

Um dos pontos de vista de Renk (2009), quando comenta que o caboclo utiliza a precedência territorial para expressar uma diferenciação em relação ao branco, leva ao mesmo pensamento. Mediante investigação etnográfica, obtive-

[4] Substantivo comum, definido, feminino e singular.

mos discursos co-ocorrentes a basearem que "[...] o caboclo é o segundo brasileiro, o primeiro é o índio. [...] Ele [o caboclo] não tem origem italiana ou alemã, ele é brasileiro, é do Brasil". Desta feita, ao ser necessário explicitar sobre o termo identidade cabocla, não o remetemos a uma gênese, mas suscitamos a mistura de pessoas, de sangues.

A terceira toada, do boi-bumbá Caprichoso, intitulada *Herói anônimo*, da compositora Milka Maia, é de 1997 e integra o álbum *O Boi de Parintins*. A construção poética inicia-se em:

> Caboclo mateiro, pescador
> Navegador
> Da várzea ou ribeira
> Da ribanceira.
> Teu remo é espada cortante,
> Tua canoa desliza suave
> Nas águas do meu rio-mar.

Percebem-se propriedades narrativas que afirmam a identidade cabocla amazônica e estrofes que comunicam sobre atividades ligadas a modos de ser e viver. Diante disso, nos versos "[...] Caboclo mateiro, pescador, navegador [...]" destacam-se os substantivos "mateiro", "pescador" e "navegador". O primeiro possui significado relacionado àquele que guarda florestas e através delas se guia. Também quer dizer um abridor de estradas de seringa na mata ou encarregado de fiscalização de florestas. São destaques que descrevem um produtor polivalente, que Freire (2012) relaciona a uma qualidade. "[...] É pessoa habituada a meter-se no mato ou lá passar parte do dia" (ID., p. 87).

Entendemos a eminência das expressões como parte do viés analítico da comunicação e destacamos relações que compõem a identidade cabocla. Ainda assim, significados e significantes de tais palavras usadas no vocabulário amazônida são pouco conhecidos entre educandos, incluindo-se a população parintinense em geral. Palavras como "pescador" e "navegador", em destaque, enquadram-se na vivência das gentes mesmo com impactos das transformações multiculturais, como nota Freire (2012), supondo que "pescador" e "navegador" fazem referência a práticas diárias do caboclo.

A toada dá sequência no que segue:

Lagos e igarapés, teus caminhos de sonhos
Tuas casas, marombas, flutuam
E se espelham nas águas
Atravessa restingas, vales, platôs;
Resignado, voltas cantando.

O discurso carrega simbologias do contexto sociocultural do caboclo. Retrata o universo onde se insere. Por lagos e igarapés, essa personagem amazônida cruza caminhos e pela extensão de rios se locomove a pescar. Por ali também educandos, via embarcações, encaminham-se para escolas. Tais cidadãos são direcionados a partir de trilhas que pressupõem metas e meios de existência, conforme concepções, exultações, aflições, sonidos, fragrâncias e coloreies. Enfim, simbologias que o caboclo carrega dão significado a seu viver.

Pode-se constatar um dos modos de vida do caboclo mediante a moradia: "[...] tuas casas, marombas, flutuam e se espelham nas águas". Marombas são "jiraus elevados, feitos com troncos ou madeira para deixar a salvos animais domésticos, plantas e pertences durantes enchentes" (ID. op. cit., p. 87). A palavra salienta um tipo de construção do caboclo moldada por imaginário e criatividade. O propósito é sobreviver em meio a desafios e aflições do cotidiano. O que se pode reiterar do ato é que mesmo em tempos difíceis o caboclo persevera na potência da vida.

A construção poética prossegue:

Apesar do cansaço
Depois de grande travessia
Volta ao regaço do teu tapiri
Caboclo forte e viril
Ainda tens tempo pra sorrir
És o meu herói, és o meu herói
Caboclo forte, valente
És o meu herói

Herói anônimo é simbologia a ser destinada ao caboclo não pelo anonimato, mas porque se encaixa na versatilidade e nas singularidades a partir das quais se interpreta o cotidiano laboral. Caboclos são responsáveis por grande parte da produção e cultivo em comunidades amazônicas, sendo o excedente vendido na

região ou enviado à cidade. São polivalentes que enfrentam a escassez e confrontam elites do mercado, que os designam como inferiores e criam base excludente na Amazônia. Usa-se o termo herói para o caboclo pela representatividade, pois mesmo com adversidades segue a sina e não desiste da resistência. Traz em suas veias o sangue negro, cafuzo, indígena e mameluco. Herdou potência dos povos que lutaram (e lutam) em busca da autodeterminação.

A quarta toada intitula-se *Lamento caboclo*, de 2001, do álbum *Amazônia viva*, do Boi-Bumbá Garantido. A obra é do compositor Nicolas Júnior. A construção poética assim se dá:

Olha, seu moço,
Eu não tenho entendimento,
Eu só pesco pro sustento
Dos meus cinco curumins.
Não fui a escola
Nem tão pouco leio escrita,
Minha fé em São José
É o que me faz caminhar;

Mas me responda
O senhor que é da cidade,
Frequentou a faculdade
E hoje se chama doutor:
Por que o homem
Destrói tanto a natureza,
Fonte de vida e beleza
Que Deus no mundo botou?

A interpretação da existência cotidiana se dá na perspectiva de uma realidade distinta, a do caboclo, taxado como membro de classe inferior, e a do moço, representado pela figura do "doutor". O compositor sugere que o estilo de vida do caboclo não é mera representatividade de quem está à mercê de um sistema político. Nos versos "[..] Olha, seu moço, eu não tenho entendimento, eu só pesco pro sustento dos meus cinco curumins. Não fui à escola. Nem tão pouco leio escrita. Minha fé em São José é o que me faz caminhar" percebe-se analogia e equiparação da realidade do universo caboclo ante a do doutor. Um caboclo

que outrora não dispunha de acesso à educação e deveria trabalhar na produção rural. Mas isso se alterou ao longo do tempo.

Lomba e Fonseca (2017) descrevem que comunidades caboclas habitam espaços de terra firme em sintonia com rios, e, assim, adaptam seus modos de vida e desenvolvem relação de educação não formal. A afirmativa está descrita na comunicação da toada especificada, que enaltece a floresta como condutora da vida e fornecedora de sustento. Compreende-se que áreas de várzea e terras não alagáveis são locais onde caboclos residem e isso atesta o cotidiano de um povo que pertence a cenário regido pela natureza. Nesses locais, há cenários arraigados de aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais.

Sobre esses aspectos, destaca-se verso de analogia a São José, protetor da Baixa do São José, local onde o boi Garantido é hospedeiro de longa data e todos ali são fiéis às tradições do bumbá, as quais envolvem miragens religiosas. Crenças e costumes herdados nessa seara, constituintes de construções sociais cristãs, são relacionados a temor e obediência de caboclos ao santo. Nas residências desses agentes de construção de saberes de modelo *folk* é nítida a presença de imagens de São José, o que reforça a herança multicultural de intergeração.

A partir do exposto, pensamos que comunicações sejam potencializadas dentro de espaços afetivos em que a discussão de uma identidade negada (Bauman, 2005) se equipare em nivelamento justo e de igualdade. O espaço escolar é o ambiente propício a essa perspectiva. A toada segue com os versos:

> Do que é que vale
> Ter um monte de dinheiro
> Conhecer o mundo inteiro
> E não conhecer a si?
> Como é que o homem,
> Com tanto conhecimento,
> Destrói sem ter argumento
> O que a natureza fez.
> Sou caboclo ribeirinho,
> Eu sou pobre no dinheiro,
> Rico em paz interior.

É notório questionamento sobre colonização e inferiorização de classes sociais na Amazônia. O caboclo se pergunta sobre o branco, que na visão da elite

é quem "detém" domínio sobre conhecimento e ciência. Mas a partir da visão do compositor é o rico quem destrói a natureza. No trecho, cabe digressão, pois é necessário que se aborde a respeito das "Eras Lula e Dilma", de 2003 a 2015, quando a Amazônia ganhou visibilidade e minorias ⊠ nativos da região e sobretudo do Nordeste do Brasil ⊠ obtiveram respeito e valorização. No atual contexto, de 2022, o bioma está esquecido e sofre com degradações socioterritoriais. Assim, reitera-se a perspectiva do canto caboclo na toada, como uma prece, no intuito de que o "doutor/branco" não destrua "a vida e não deixe o rio morrer"[5].

A quinta toada é *Navegantes do folclore*, do Boi-Bumbá Caprichoso, dos compositores José Carlos Portilho e Rui Machado, de 1997, a integrar o álbum *Criação cabocla*. A canção destaca a simbologia do rio na vida do caboclo.

> O rio é o caminho
> Estrada da vida
> Do povo amazônida,
> De contos e lendas
> Orgulho do navegador.

O rio integra espaços onde agentes polivalentes têm moradias e se constituem como parte do universo amazônico. Do rio, retiram o sustento. Nele, singram com embarcações. Com base nessa constituição de cotidiano, Reis (1966) traz à tona que povos da Amazônia já possuíam, antes da chegada de conquistadores, extensa rede comunitária e convívio afetivo com o meio físico e o imaginário correlato. Usavam sistemas comunitários sem bandeamentos, forjando sua cultura e pontuando-a de significados (Andrade, 1983).

O universo amazônico é norteado por planos de conhecimento sobre florestas, rios, lagos, várzeas e terras firmes. A toada se encaminha com os versos "[...] meu rio Amazonas, de águas barrentas, me faz navegar até as raízes de um povo [...] vim a Parintins pra brincar de boi". Nessas linhas está a referência ao Rio Amazonas como contribuinte para construções de identidade na medida em que, por entre águas e suas margens, vivem povos miscigenados. Albuquerque (2004) diz que grupos sociais da Amazônia desenvolvem seus modos de vida com ampla noção sobre comunidade, o que nos faz supor que modos de vida também constituem a identidade cabocla. Ou seja, identidade é algo que cria a própria história.

[5] Trecho da Toada *Amazônia cabocla*, do Caprichoso, do ano de 2002. Compositor César Moraes.

A sexta toada, *Caboclo da Amazônia*, é dos compositores Geandro Pantoja e Demetrios Haidos, de 2003, do álbum *Santuário esmeralda*, do Boi-Bumbá Garantido.

> A lamparina ilumina o caminho do caboclo da Amazônia
> Terçado e caniço nas mãos, não se cansa da vida
> Vai enfrentar sua sina na canoa da esperança
> Pesca a vida nessas águas na certeza do amanhã
> Na firmeza das remadas.
> Tem peixe na malhadeira, farinha e beiju na sua mesa
> Caboclo da Amazônia.

Na letra, destaca-se a relação presente e constante com o universo do bioma. Na primeira estrofe, é entrelaçada perspectiva de existência do caboclo na medida em que se inferem três objetos que norteiam a comunicação: lamparina, terçado e caniço. São instrumentos confeccionados manualmente com materiais retirados da floresta. Segundo Freire (2012), lamparina é substantivo referente a "[...] pequeno candeeiro feito de lata de cerveja ou leite em pó, com pavio de algodão embebido em querosene" (p. 81). O significado de terçado, substantivo masculino, diz respeito à "faca grande de cortar mato" (p. 115). O caniço tem por construção de sentido a funcionalidade de material feito de bambu, que o caboclo utiliza para pescar.

Na segunda estrofe, há aspectos relacionados a práticas de identidade. Por meio da canoa, o proeiro se locomove e sai em busca de sustento. Na terceira estrofe sobressaem-se os elementos "[...] peixe na malhadeira, farinha e beiju na sua mesa", que indicam o sustento do caboclo no seu universo alimentar. São frutos do trabalho e da relação com a natureza. Alicerçados na perspectiva, concordamos com Loureiro (2001) quando aborda que a originalidade dos povos da Amazônia se encontra em ambientes interculturais, em conexão a raízes, mutante e complexa.

Se não, vejamos:

> Na várzea, um juteiro mergulha sem medo
> Em busca das fibras nas águas.
> Ordenha o vaqueiro faz cedo,
> E na proa da canoa
> Pescador lança a tarrafa.

Na terra firme
O seringueiro defuma a borracha,
Piaçaveiro se embrenha nas matas,
Farinheiro escorrendo o seu tipiti.

Identificam-se elementos constituintes da cultura e ações do caboclo por meio da várzea e da figura do juteiro, que foi, por anos, agente trabalhador de fábricas locais. O labor do caboclo contribuiu para o desenvolvimento econômico da Amazônia e igualmente moldou sua identidade. Nos versos, analisa-se a figura que segue na canoa para lançar a tarrafa. Na última estrofe se destaca a terra firme. Nela, residem seringueiro, piaçaveiro e farinheiro. O primeiro se caracteriza pela atividade de extrativismo da borracha e defumação. O segundo por se embrenhar nas matas em busca de piaçava, que serve para confeccionar materiais domésticos. O farinheiro se utiliza de elementos construídos por seringueiro e piaçaveiro para produzir uma das comidas mais ricas e marcantes da Amazônia, a farinha. Assim, o contexto caboclo constitui-se de elementos geracionais, contribuindo para a concretização do regionalismo.

Toada como ferramenta de formação do leitor crítico

Interessa agora discutir a relevância da identidade cabocla no universo amazônico, englobando dimensões de ensino e aprendizagem nas escolas e destacando educando e educador como agentes de interação e socialização de saberes, tendo em vista não apenas "formar", mas promover debates e discussões. Diante da abordagem, pontuamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, de 20/12/ 1996, destacando a "alocução" da Constituição Federal de 1988, que garante o princípio da pluralidade cultural como fortalecimento de democracia e cidadania.

Significa que a escola possui responsabilidade na promoção de reflexões sobre diferentes esferas culturais e da diversidade na construção de identidades. Para isso, a prática pedagógica docente deve se abster de conceitos pré-estabelecidos, permitindo aprendizado ancorado em contextos de ensino. A escola pode atuar como fio condutor e possibilitar conjuntos de referências sobre a construção de identidades. Escolas são comunidades de vida e interatividade, onde aspectos simbólicos devem contribuir para o fortalecimento de identidades.

A escola inclusiva assegura a qualidade educacional a cada um dos alunos, reconhecendo e respeitando potencialidades e necessidades. O fator da inclusão contribui com cada educando independente de etnia, sexualidade, idade, condição social ou qualquer outra situação. Segundo Henriques (2012), ensino inclusivo é aquele garantidor do acesso a conjuntos sistematizados de conhecimentos.

Moreira e Candau (2003) comentam que a escola possuiu dificuldade para lidar com o outro, com a diferença, neutralizando o diverso. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a complexidade e para o cruzamento de culturas constitui-se um desafio. Souza (2006) enfatiza que a escola pode estar presente na vida do educando para a compreensão e análise de realidades, valorizando saberes locais que constituem universos culturais associados a universalidades.

Para tanto, faz-se necessária uma série de modificações com referência a currículo oficial e aprendizagem, como possibilidades de enxergar o mundo de forma multicêntrica. 'E uma discussão que articula processos de luta em defesa de reconhecimento. Com isso, diferença, multiculturalidade e pluralidade merecem ser destacadas como um todo.

Em suma, no suposto, quisemos afirmar que a comunicação via toadas de boi-bumbá potencializa a formação da capacidade crítica de alunos em seus contextos amazônicos, tomando a contento a identidade cabocla.

Conclusão

Mediante abordagem da comunicação lítero-musical de toadas de boi-bumbá, foi destacada a significação de canções como ferramentas promissoras no processo de formação da leitura crítica de alunados. O caráter crítico se mostrou fator determinante na formação da identidade cabocla. Portanto, a musicalidade do boi-bumbá, como gênero especifico da região Norte, mais precisamente do Amazonas, faz parte do âmbito de caracterização do maior espetáculo folclórico a céu aberto do mundo, o Festival dos Bois de Parintins.

A ópera amazônica mostra belezas e riquezas do bioma, com aspectos que contribuem para a formação identitária. Toadas narram o que é apresentado e se comunicam por meio de discursos relevantes em termos educacionais. Tanto porque o gênero canção pode contribuir como ferramenta didática, de alto valor comunicacional, para mostrar a educandos e educadores competências críticas em leitura e discussão de temáticas sociais.

A partir disso, acreditamos na potência de educadores para despertar em educandos competências para o entendimento de mundos, e a nosso ver seria enriquecedora a utilização de canções que ponderassem sobre características do meio sociocultural amazônico do caboclo. Portanto, foi necessário explicitar que a partir das toadas de boi-bumbá pode-se desenvolver a leitura social enquanto categoria reflexiva, de grande espectro comunicacional, na finalidade de buscar um ensino relevante e que proporcione abordagens significativas.

RECEBIDO em 14/08/2024
APROVADO em 11/11/2024

Referências

ALBUQUERQUE, Renan et al. **A comunicação estratégica e histórica dos Sateré-Mawé/AM no enfrentamento à covid-19 na Amazônia Central**. COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (ONLINE), v. 21, p. 99-115, 2020.

ALBUQUERQUE, Renan; SANTOS, Isaías. Inferências sobre o ensino de Língua Portuguesa entre escolares na Amazônia. **Brasiliana: Journal for Bazilian Studies**, v. 8, p. 334-355, 2019.

ANDRADE, M. **A Esfinge do III Milênio**. Manaus: Metro Cúbico, Suframa, 1983.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_/leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 jun. de 2022.

FERREIRA, Gerson André Albuquerque; RODRIGUES, Renan Albuquerque. **Amazônia**: chaves múltiplas para a interpretação da realidade. São Paulo: Scortecci, 2012.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês – Expressões e termos usados no Amazonas**. 2ª ed. Editora Valer – Manaus, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, amazônias**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro, DP&A editora, Rio de Janeiro, 2006.

HENRIQUES, R. M. **O Currículo Adaptado na Inclusão de Deficiente Intelectual**. 2012. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/489-4.pdf>. Acesso em: 05 jun. de 2022.

LOMBA, R. M.; FONSECA, M. B. da S. Modos de vida ribeirinho na comunidade Foz do Rio Mazagão – Mazagão (AP/Brasil). **Ateliê Geográfico, Goiânia,** v. 11, n. 1, p. 257-276, abr.2017.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001. 437 p. (originalmente tese de doutorado defendida na Universidade de Sorbonne, Paris, França).

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Educação escolar e culturas**: Construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003.

REIS, A. C. F. **O homem e a natureza na Amazônia**. Secretaria de Imprensa e Divulgação, Manaus, AM, 1966.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense. Chapecó: Grifos. 1997.

RODRIGUES, Renan Albuquerque; ANDRADE, Francisco Alcicley Vasconcelos; SANTOS, Isaías dos. (2019): "Contribuições da música para o ensino de língua portuguesa entre estudantes da Amazônia brasileira", **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, (diciembre 2019). Em línea: https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/12/ensino-lingua-portuguesa.html. Acesso em 05 jun. de 2022.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **O Currículo da escola de várzea e o ensino de geografia no município de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2006, 196 p.

Discografia utilizada

BARBOSA, Ronaldo. "Vida Cabocla". *Luz e Mistérios da Floresta*. Boi Caprichoso 1995. Parintins/AM.

GARCIA, Tadeu; ASSAYAG, Simão. "Vida Cabocla". *Lendas, rituais e sonhos*. Boi Garantido 1996. Parintins/AM.

JÚNIOR, Nicolas. "Lamento Caboclo". *Amazônia Viva*. Boi Garantido 2001 – Disco 02. Parintins/AM.

MAIA, Milka. "Herói Anônimo". *O Boi de Parintins*. Boi Caprichoso 1997. Parintins/AM.

PANTOJA, Geandro; HAIDOS, Demetrios. "Caboclo da Amazônia". *Amazônia, santuário esmeralda*. Boi Garantido 2003. Parintins/AM.

PORTILHO, José Carlos; MACHADO, Rui. "Navegantes do Folclore". *O Boi de Parintins*. Boi Caprichoso 1997. Parintins/AM.